

Com destino à saudade: escrita de si em Oswaldo Lamartine de Faria (1989-1994)

Eduardo Kleyton de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES/UFRN), Caicó, RN, Brasil.

eduacari@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2607-4329>

Saudade as Destination: Self-Writing in Oswaldo Lamartine de Faria (1989-1994)

Resumo: Aborda práticas de produção de si do escritor Oswaldo Lamartine de Faria a partir de uma análise sobre um conjunto de dezessete cartas enviadas do Rio de Janeiro/RJ a Serra Negra do Norte/RN, durante o período de 1989 a 1994, tendo como destinatário o sertanejo, seu parente e amigo, Ramiro Monteiro Dantas. Propõe-se a pensar o papel da tópica da saudade na produção do discurso deste sertanista sobre os sertões do Seridó.

Palavras-chave: Oswaldo Lamartine de Faria; Escrita de si; História dos sertões

Abstract: Addresses practices of self-production by the writer Oswaldo Lamartine de Faria based on an analysis of a set of seventeen letters sent from Rio de Janeiro/RJ to Serra Negra do Norte/RN, during the period from 1989 to 1994, having as recipient the countryman, his parent and friend, Ramiro Monteiro Dantas. It proposes to think about the role of the topic of saudade in the production of this sertanist's discourse about the sertões of Seridó.

Keywords: Oswaldo Lamartine de Faria; Self-writing; History of the sertões

Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007) foi um escritor que se dedicou por cerca de sessenta anos à temática sertaneja*. Em seus textos o sertão é um espaço que extingue-se gradativamente no contato com as técnicas (e valores) trazidas pela modernidade. O sertão, tal como Oswaldo Lamartine o concebe, vai sendo empurrado para um outro lugar, o da memória. Este é um sertão de futuro ameaçado; sendo preciso vivê-lo na saudade.

Mesmo sendo natural de Natal/RN, capital do estado situada no litoral, Oswaldo Lamartine reivindica raízes sertanejas. Nascido do casamento entre membros de famílias que constituíam a oligarquia hegemônica no Rio Grande do Norte (RN) no período da Primeira República (1889 – 1930), cujas riquezas assentavam-se sobre as atividades pecuarista e algodoeira cultivadas na região do Seridó – mesorregião central do RN –, o escritor remonta sua genealogia à ocupação dos sertões potiguares, no século XVII, para justificar sua identificação sertaneja.

As transformações sofridas no espaço e nos valores culturais devido a complexificação e modernização da sociedade brasileira provocou – além do levante militar de outubro de 1930 – reações nostálgicas, principalmente naqueles que sentiam decair seu poder e prestígio. Com o processo de redemocratização possibilitando o retorno de antigas lideranças políticas à cena pública, em meados da década de 1940, o passado é cada vez mais convocado nas páginas dos jornais e literaturas; genealogias, memórias e tradições associadas à lugares e paisagens são instrumentalizadas para afirmação de uma identidade, como tentativa de direcionar ou interferir em decisões políticas, buscando a legitimação de poderes, ou justificando articulação de alianças.

Exatamente neste período, Oswaldo Lamartine está começando sua carreira de escritor através de periódicos publicados em Natal/RN, Mossoró/RN e Recife/PE. Tem então vinte e cinco anos de idade, casado, formado em Agronomia pela Escola Agrícola de Lavras (Lavras/MG), administrando a Fazenda Lagoa Nova, propriedade de seu pai, localizada no município de São Paulo do Potengi/RN, na mesorregião Agreste do estado, pondo seus conhecimentos técnicos em prática, e adquirindo outros no contato com trabalhadores sertanejos que vieram trabalhar na fazenda.

Ávido leitor, observador e pesquisador atento às coisas e causos dos sertões, rapidamente se tornará uma referência sertanista no Brasil. A

* Este artigo resulta da adaptação de um dos capítulos da monografia *Estilo & escrita de si em Oswaldo Lamartine de Faria (1989-1994)*, realizada no âmbito do bacharelado em História (CERES/UFRN).

partir de fontes diversas, constrói seu texto com um vocabulário próximo da oralidade, num estilo narrativo marcado por sua presença. A narrativa autodiegética evidencia a “relação de identidade entre *autor, narrador e personagem*”, sugerindo a existência de um “pacto autobiográfico”¹.

Em seus ensaios e memórias, Oswaldo Lamartine explora o espaço do sensível, capaz de “capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo”². Aspecto importante para se pensar a História dos Sertões, pois observa os autores das produções históricas e culturais acerca desses espaços, eles próprios como “atores sob efeitos de práticas discursivas e não-discursivas” que integram suas relações sociais, construídas por relações de poder, mas também como “emanações de afetos, de sentimentos, de vontade”, portanto, de dimensões da subjetividade que precisam ser interpretadas e explicadas³.

A escrita de si encontra seu apogeu no século XIX e pode ser entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos, constituindo uma identidade para si através de seus documentos.⁴ Neste artigo, trabalharemos com correspondências, por se mostrar uma tipologia adequada ao estudo sobre a *escrita de si* – mas isto não significa descartar por completo a consulta a outras fontes complementares. Trata-se de um conjunto de dezessete cartas emitidas por Oswaldo Lamartine de Faria desde a cidade do Rio de Janeiro/RJ, durante o período de 1989 a 1994, a um primo chamado Ramiro Monteiro Dantas (1912-1997), residente na Fazenda Saudade, situada no sertão seridoense, no município de Serra Negra do Norte/RN⁵.

Além de seu ineditismo em trabalhos acadêmicos, esta documentação apresenta uma peculiaridade em seu suporte material: as cartas foram escritas na folha de rosto ou na página do colofão de livros que Oswaldo Lamartine remetia ao seu parente e amigo. A literatura remetida está relacionada às temáticas sertanejas, rurais, ou a algum modo rústico de vida; todos os títulos tratam direta ou indiretamente de

¹ Philippe Lejeune. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 15, grifos do autor.

² Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue (org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 10.

³ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 16.

⁴ Angela de Castro Gomes. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 11.

⁵ Esta documentação encontra-se disponível para consulta pública no Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC), do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) /Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

enunciados mobilizados na construção do sertão oswaldiano – mesmo quando as espacialidades na qual se desenrola o enredo do livro são outras que não especificamente um sertão.

Destas correspondências recuperamos Oswaldo Lamartine em um exercício de escrita que expõe a si mesmo ao se comunicar com o amigo, e ao refletir sobre o mundo que os cerca e a literatura que compartilham, cujas referências inscrevem os sertões nos “espaços da saudade”⁶. As diversas e significativas transformações que se dão no país durante o século XX, principalmente entre as décadas de 1930 e 1970, quando o processo de modernização se acelera e redefine o *status* de um país predominantemente rural para um país predominantemente urbano, promoverão em muitas pessoas uma forma saudosista de lidar com o tempo.

A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história⁷.

A reordenação política que se dá a partir do levante militar de 1930; os intensos fluxos de migrações internas que ocorrem nas décadas seguintes e que mobilizam grande número de pessoas do Nordeste para outras regiões do país, por diferentes motivações; a aceleração da modernização no período pós-Segunda Guerra Mundial; a expansão da urbanização que gradativamente vai se dando em todas as regiões do país a partir de meados do século XX; são alguns dos eventos que levam cada vez mais pessoas a migrarem, ou trocarem o campo pela cidade. Essas pessoas levarão consigo memórias do lugar de onde partiam.

Oswaldo Lamartine está entre estes cidadãos desterritorializados. Em seus escritos e entrevistas reage constantemente de forma negativa aos processos da modernização. Enxergando no mundo moderno não uma promessa, mas uma ameaça, se agarra às memórias do sertão, fazendo do Seridó um “território existencial”,⁸ experimentando o tempo sob o signo da saudade, em busca de um tempo passado.

Encontrará no amigo de correspondências um ponto de fuga através do qual pode se remeter, em poucas palavras, da metrópole carioca à [Fz.] Saudade, onde os Lamartine estrumaram suas sementes

⁶ Durval Muniz de Albuquerque Jr. A invenção do Nordeste, *op. cit.*

⁷ Idem, p. 78.

⁸ Idem, p. 260.

seridoenses, e na qual Ramiro Monteiro viveu e amou. De uma forma ou de outra, viver na saudade será mais um elo de aproximação entre os parentes e amigos.

SINAIS DE DISTINÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, a crise do paradigma estruturalista de explicação histórica exige que historiadores repensem o repertório teórico-metodológico dos estudos históricos. Assim, os sujeitos coletivos abrem espaço para o indivíduo, a longa duração cede domínios à curta duração, explora-se a observação microscópica da história, a onda da história-memória promove a produção de arquivos individuais, ou a coleção de memórias de si, oferecendo protagonismo ao espaço privado – o que não significa eliminar o espaço público – e possibilitando a renovação de perspectivas culturais, políticas e sociais na historiografia. Neste contexto, amplia-se o interesse pela carta enquanto fonte histórica, por esta se mostrar um espaço privilegiado para a *escrita de si*, ou seja, quando “o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”⁹.

Além de em nossas fontes constarem apenas a correspondência ativa de Oswaldo Lamartine de Faria – o que significa, já de partida, uma lacuna no diálogo, pois não temos acesso direto às palavras remetidas por Ramiro Monteiro Dantas –, à medida que lemos esta documentação, logo percebemos que houve um fluxo mais intenso na comunicação entre os dois senhores, indicando lacunas também na série de correspondências emitidas desde o Rio de Janeiro/RJ, o que denota “o caráter fragmentário e disperso das correspondências e as dificuldades em reuni-las”¹⁰. Para a sorte do nosso empreendimento, Oswaldo Lamartine se preocupava em não perder o norte da conversa. Assim, acompanhando o texto das cartas, ainda nos é possível ter alguma dimensão quantitativa do desfalque. Houveram, no mínimo, outras nove correspondências enviadas desde o Rio de Janeiro/RJ.

Além de reafirmar Ramiro Monteiro Dantas como um sertanejo, em grande medida, desconhecido na vida pública, que se mantinha como um ponto comum de acesso, no Seridó, para uma rede de intelectuais

⁹ Teresa Malatian, “Cartas: Narrador, registro e arquivo”. In: Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195.

¹⁰ Idem, p. 203.

potiguares dispersos por diferentes localidades do país¹¹, este conjunto de correspondências também nos chama a atenção pelo seu suporte material. Pensamos aqui nos “sinais de distinção”¹² que a materialidade da correspondência traz em si, e o que eles podem sugerir acerca das relações sociais mantidas entre os correspondentes. Assim, não podemos deixar de questionar o que significa ter o próprio livro como suporte da mensagem.

Rejeitamos o argumento de “praticidade”. Na correspondência-livro [João Miguel]¹³, Oswaldo Lamartine datilografa a mensagem em um papel à parte e cola este papel sobre a folha de rosto, à altura da lombada do livro. Este gesto ressalta que a mensagem enviada não deve estar desvinculada do livro. Nestas correspondências, livros e mensagens estão intimamente vinculados, anexados um ao outro.

Esta escolha pela correspondência-livro fala também do próprio remetente, de sua vinculação com os livros de forma geral, e mais especificamente com a literatura regionalista. Os conteúdos destes livros estão voltados a diversos confins sertanejos narrados por cronistas, romancistas e memorialistas desterrados, remexendo o rico imaginário que habita os sertões. Ao insistir no livro como suporte material de sua correspondência, Oswaldo Lamartine enfatiza não só a motivação literária dessa comunicação, mas reafirma no âmbito de uma relação privada a qualidade sobre a qual construiu sua imagem pública de *intelectual sertanista*: pesquisador e escritor interessado nas coisas do sertão.

Em 1989, quando inicia-se esta correspondência, há um notável distanciamento entre os parentes. Assim, só aos poucos a intimidade amistosa e familiar vai sendo construída. A construção dos laços pode ser percebida nas mudanças que o tratamento expresso nas mensagens e a própria estrutura delas vai sendo gradativamente alterada. Assim na correspondência-livro mais antiga a que tivemos acesso, podemos ler apenas uma breve saudação: “Ao Ramiro, lembrança do parente e amigo”¹⁴. Este cumprimento, tão simples e objetivo, sugere se tratar de um aceno inicial para a comunicação. A mensagem vem inscrita à altura do cabeçalho do livro *Carlos Magno e seus cavaleiros*, escrito por Pepita de Leão. Este título é citado no livro *Seridó – séc. XIX (Fazendas & Livros)*, de autoria de Oswaldo Lamartine – publicado em 1987, em parceria com o Pe. João Medeiros Filho, que também se correspondia com

¹¹ Ramiro Monteiro Dantas foi uma espécie de consultor que por décadas se correspondeu com escritores e pesquisadores do estado, como: Oswaldo Lamartine de Faria, Pery Lamartine, Olavo de Medeiros Filho, Deífilo Gurgel e Vingt-un Rosado.

¹² Teresa Malatian, “Cartas: Narrador, registro e arquivo”, op. cit., p. 199.

¹³ Oswaldo Lamartine de Faria [João Miguel].

¹⁴ Oswaldo Lamartine de Faria [Carlos Magno e seus cavaleiros].

Ramiro M. Dantas –, e o fato do remetente não tecer qualquer comentário sobre ambas as obras é mais um fator que demonstra as reservas comuns a um contato inicial, pois como veremos nas correspondências seguintes, Oswaldo Lamartine passa a assumir um papel mais ativo na recomendação dos livros enviados.

No mês seguinte, Ramiro da Saudade receberá como presente de aniversário o *Romance d'A pedra do reino*, de autoria de Ariano Suassuna. Título que Oswaldo Lamartine considera estar entre os dez “mais importantes para o Nordeste, principalmente o sertão da caatinga”¹⁵. A mensagem nos permite interpretar uma maior abertura entre os correspondentes: “Ramiro – um quebra-costelas pelos 77 anos no dia 3/novembro. Na falta de Uns fesceninos vai A pedra do reino – o melhor romance que já se escreveu sobre os nossos sertões”¹⁶. Além do mimo, a informalidade do linguajar ao oferecer um abraço como saudação pelo aniversário, indicam a intenção de maior aproximação. Mesmo assim, talvez ainda exista alguma reserva, pois Oswaldo Lamartine nega ao parente um exemplar do livro *Uns fesceninos* sob a justificativa de não ter mais nenhum exemplar à disposição. Esta coletânea de poemas foi organizada e publicada pelo sertanista em 1970 – e inclui um poema do próprio Ramiro Monteiro Dantas –, em tiragem limitada e numerada, e somente em 2008 recebeu uma segunda edição, fac-similar, produzida a partir do exemplar Nº 884, no qual se pode ler na folha de rosto uma dedicatória escrita à mão por Oswaldo Lamartine: “Ao violeiro Virgílio Maia, estas nergas de sombra na desfolhada caatinga [rubrica] XII/93”¹⁷. Portanto, a dedicatória autografada e datada indica a existência de exemplar à disposição ainda em dezembro de 1993. O que é preciso lembrar é que esta publicação foi organizada com interesse de distribuí-la a colecionadores bibliófilos, logo, é de se entender que Ramiro da Saudade não se mostrasse com este perfil à vista do remetente.

O próximo documento data de março de 1990, mas seu conteúdo indica que houveram outras correspondências entre [*A pedra do reino*] e este [*Cartas de um desconhecido*]. A mensagem diz o seguinte:

Ramiro, aqui a sua com os dados sobre floração e frutificação de algumas essências nossas. Lamento a trabalhadeira que dei, mas conforta saber que tb deve ter aproveitado alguma coisa.

¹⁵ Natércia Campos (org.). *Em alpendres d'Acauã: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria*. Fortaleza/ Natal: Imprensa Universitária-UFC/ Fundação José Augusto, 2001, p. 67.

¹⁶ Oswaldo Lamartine de Faria. [*A pedra do reino*]. Grifos do autor.

¹⁷ Oswaldo Lamartine de Faria. *Uns fesceninos*. 2.ed. Recife: Bagaço, 2008.

Sim, no pedido, cometi o pecado de que agora me penitencio: e o imbu?

Em 26/fev. postei, sob registro, Vila dos Confins – Mário Palmério, o mesmo autor do Chapadão do Bugre tão do seu agrado. Apoje-se. Vão essas Cartas de um desconhecido do velho Eloy de Souza. Foi um grande conhecedor dos nossos mundos e um marialva de rédeas nos bons tempos em que se apreciava um animal de sela¹⁸.

No intervalo referente à lacuna na nossa documentação deve ter ocorrido uma consulta de Oswaldo Lamartine sobre floração e frutificação da flora na caatinga, devidamente respondida por Ramiro M. Dantas. Por um lado, isto confirma as posições de consultor e “fonte” entre os interlocutores. Por outro lado, confirma que, enquanto pesquisador, Oswaldo Lamartine não se restringe à consulta bibliográfica, percebendo em seu correspondente uma potencial fonte de conhecimento prático sobre seu objeto predileto: o sertão. Esta correspondência também indica que Oswaldo Lamartine já adquiriu algum conhecimento acerca das preferências literárias de seu amigo; além de expor algum entusiasmo ao recomendar a leitura enviada, comentando curiosidades acerca do autor.

No mês seguinte, Ramiro recebe “uma antologia dos nossos mundos”, *O sertão, o boi e a seca*. Trata-se do segundo dentre os dez volumes que compõem a Coleção Histórias e Paisagens do Brasil, uma “seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens”¹⁹ pelos estados do Maranhão, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, organizada por Diaulas Riedel, editor e fundador da Editora Cultrix, pela qual este livro sai publicado.

Na sequência, temos a correspondência-livro [*A cidade e as serras*]. Trata-se do terceiro volume de uma coleção comemorativa ao centenário do nascimento do escritor Eça de Queiroz, um item para colecionadores e bibliófilos, que começa a ser publicada em 1945, em Porto (Portugal). O exemplar traz fixado no verso da capa o *ex-libris* de Alberto Guimarães Ferreira de Sá, e na folha de proteção o *ex-libris* de Oswaldo Lamartine. Estas sucessivas camadas de selos sugerem que o exemplar fora adquirido em algum sebo, no Rio de Janeiro/RJ, roteiro comum aos passeios do escritor potiguar. Escrito em grafite: “Ramiro – recado na última página”²⁰. Quando nos dirigimos à última página, não encontramos nenhuma inscrição, apenas um pequeno recorte de jornal, dobrado, com

¹⁸ Oswaldo Lamartine de Faria [*Cartas de um desconhecido*].

¹⁹ Oswaldo Lamartine de Faria [*O sertão, o boi e a seca*].

²⁰ Oswaldo Lamartine de Faria [*A cidade e as serras*].

uma curta crônica de Pery Lamartine, “As histórias do touro Zebrás”. Acredito que Oswaldo Lamartine evitou cometer ‘rasuras’ no belo exemplar, e por isso optou pelo uso do grafite, pelo recado sucinto, e o recorte de jornal dobrado e guardado dentro do livro. Sob a posse de Ramiro Monteiro Dantas, que muito provavelmente não compartilha exatamente dos mesmos valores que um bibliófilo – o que não significa que não valorize os livros, apenas que os valoriza à sua própria maneira – , o exemplar recebeu diferentes inscrições em caneta no decorrer de todo o livro, como é comum ao seu *modus operandi* de leitura, além de um comovente desenho da “Serra do Arapuã vista da Saudade”²¹, ilustrando a inspiração que as leituras provocavam e evidenciando elementos paisagísticos comportados na memória do velho sertanejo.

Uma lacuna de alguns meses na documentação, até que: “Vai João Miguel (Raquel de Queiroz) a sertaneja q melhor sentiu e botou no papel os acontecidos de nosso mundo. Vejam como de um tiquinho de história ela construiu um livro q é visgo grudento do princípio ao fim”²². Em *João Miguel*, o narrador acompanha o drama de um homem simples, um sertanejo que, sob efeito do álcool, assassina um desafeto e vai para a prisão. Publicado em 1932, o romance remete à discussão sobre o atavismo, corrente na literatura cientificista da virada do século XIX para o século XX.

A recomendação da leitura expõe o apreço de Oswaldo Lamartine pela escritora Raquel de Queiroz. Neste mesmo período o sertanista havia contribuído como consultor à escritora que à época estava realizando a pesquisa que serviria de base para seu romance de maior repercussão, *Memorial de Maria Moura* (1992).

Ainda na mesma correspondência, Oswaldo Lamartine comenta com o amigo as impressões sobre uma viagem que fez ao interior de Minas Gerais, onde havia estudado na juventude. Aqui, vem à tona o caráter antimoderno tão conhecido da personalidade oswaldiana.

Recorrentemente aparece no discurso do sertanista a condenação da modernidade, geralmente representada por tecnologias eletrônicas, como o rádio e a TV, responsabilizadas pela desestruturação de valores e sociabilidades tradicionais aos espaços sertanejos, como por exemplo a prosa com os mais velhos no copiar da casa-grande, quando aqueles rememoravam suas lembranças e outras estórias de tempos imemoriais.

Na última correspondência do ano de 1990, um lamento, um anseio e uma prece, que nos revelam um pouco mais sobre os desejos de Oswaldo Lamartine:

²¹ Idem.

²² Oswaldo Lamartine de Faria [João Miguel].

Desapontado com o extravio de Lisbela e o prisioneiro (Osman Lins) que, no meu entender, é a única peça de teatro nacional com a altitude de Auto da compadecida. Falo de temas sertanejos, quando falam a nossa fala e retratam o nosso viver – alegre e gostoso. Não me perdoe ter deixado de postá-la sob registro. Não vai ser fácil desencavar outro exemplar. Está, há muito, esgotada. Vai agora este Zé da Luz. Veja E a terra caiu no chão. Tenho esse tema glosado por 2 ou 3 outros poetas. Se a vida (saúde e circunstâncias) deixar, pretendo em 91 ir me despedir do sertão. Que tenha com os seus um bom Natal e um 91 de muita saúde, inverno, fartura e preces. Do velho parente e amigo²³.

Oswaldo Lamartine de Faria estava então com 71 anos de vida. Aposentado pelo Banco do Nordeste (BNB) desde 1979, já falara em aposentar também a caneta²⁴ e, agora, em despedir-se do sertão. É, portanto, um homem situando-se na antessala de seus “últimos dias”. A indicação do tema glosado pelo poeta Zé da Luz não é assim um despropósito. Tal como o eu lírico do poema, em um tempo que vê “próxima a morte”, Oswaldo Lamartine pensa em ter por perto o sertão, do qual encontra-se tão distante. Lamenta ter perdido um raro exemplar que considera retratar tão bem e de forma tão alegre o sertão. Deseja ao amigo sertanejo aquilo que considera o melhor para o lugar onde vive: inverno (entenda-se, chuva!) e fartura (quer dizer, uma colheita proveitosa); e alimenta a saudade que anseia saciar, uma última vez visitar o sertão, lugar do viver alegre e gostoso.

Prefaciando *Brasil caboclo: o sertão em carne e osso*, José Lins do Rego escreve também sobre a saudade que os temas, a fala e o viver sertanejo provocam nesses homens desterritorializados, e em como a literatura sertaneja acaba sendo um consolo.

No mês seguinte Lamartine conseguiu viajar ao Rio Grande do Norte, mas não visitou o sertão ou o amigo Ramiro Monteiro. Desculpa-se por esta falta na correspondência-livro [*A vela e o temporal*]:

²³ Oswaldo Lamartine de Faria [Brasil caboclo].

²⁴ Oswaldo Lamartine chegou a anunciar sua ‘aposentadoria’ como escritor, segundo indicou o jornalista Vicente Serejo, amigo pessoal de Lamartine: “ficou pronta a edição do novo ensaio de Oswaldo Lamartine sobre a faca de ponta. Que o autor anuncia como seu último livro”. Vicente Serejo. “Leitura Dinâmica”. In: *Diário de Natal*, 20 set. 1988, p. 4.

Ramiro – voltei no dia 18/jan. E voltei do Natal sem rever o sertão. É q Silvino estava de resguardo de uma cirurgia – aí fiquei com ele. Vai este com a capa muito estragada mas o miolo perfeito. Creio q vai gostar. É bem escrito, a antiga e tem um bom enredo [...] Apenas acho q 2 ou 3 informações técnico-agronômicas não foram diluídas pela autora, ficaram no fundo da xícara, açucaradas q nem café não mexido... não dissolveu²⁵.

Demonstrando ser um leitor exigente, o sertanista critica o resultado técnico-agronômico aplicado no romance pela escritora Alvina Gameiro. A sinopse reproduzida nas orelhas do livro, porém, chama a atenção para “o valor informativo e documental que se refere ao ambiente em que se desenrola a história”. O romance narra “o amor à terra, à propriedade”. Tem como cenário uma importante fazenda situada no vale do Parnaíba, que “desenvolve-se a mercê da figura admirável do Coronel, temido pela bravura, respeitado pela justiça, e adulado pelo dinheiro”. A intriga é marcada pela intenção velada, do herdeiro do Coronel, em vender a fazenda e mudar-se para o Rio de Janeiro.

Há uma lacuna de aproximadamente nove meses na nossa documentação. Contudo, isso não significa que os amigos ficaram incomunicáveis – como demonstrado, houveram algumas correspondências que não chegaram ao acervo que hoje compõe a Coleção Ramiro Monteiro Dantas, no LABORDOC. Nesta [*Os valentões*], Oswaldo Lamartine fala sobre duas honrarias que lhes eram dedicadas:

Não sei se meu bosque de pau-brasil vai vingar. É que fizeram uma politicagem contra meu amigo, Vingt-un, e em solidariedade pedi para esquecer a homenagem. Assim, é melhor contar com minha presença na algarobeira da saudade que não está sujeita a esses ventos... Caso venha haver um período de silêncio – não se preocupe. É que a mulher vai se operar da vista²⁶.

“Não gosto de política – nem muito, nem pouco”²⁷, dizia Lamartine em uma entrevista. Mas apesar desse discurso, o escritor costuma atuar politicamente por meios informais ou não-institucionais. Essa breve passagem na correspondência com o parente sertanejo demonstra o uso

²⁵ Oswaldo Lamartine de Faria [A vela e o temporal].

²⁶ Oswaldo Lamartine de Faria [*Os valentões*]. Grifo do autor.

²⁷ Natércia Campos (org.). *Em alpendres d’Acauã*, op. cit., p. 14.

de sua figura pública como forma de barganha ou “retaliação” que, no fundo, tem motivação política.

Quanto à honraria, na [Fz.] Saudade, Oswaldo Lamartine fincará raízes profundas através de uma algarobeira plantada pelo amigo, e recorrentemente lembrada pelo escritor nas correspondências. O gesto de plantar árvores em homenagem a pessoas próximas era um gesto cultivado pelo sertanista que seu amigo sertanejo retribuiu.

Destaco ainda o compromisso de Oswaldo Lamartine com o amigo de correspondência. Ao informá-lo sobre a possibilidade de interregno na comunicação, ele mantém ativo o pacto de reciprocidade que existe implicitamente entre as pessoas que se comunicam através de cartas. Afinal, ‘o ato de escrever cartas trazia implícito ou explícito um pedido de resposta’²⁸.

A correspondência seguinte tem uma distância de nove meses da anterior. Isso pode se dar pelo provável interregno previamente comunicado, agravado por uma lacuna na documentação, pois a carta não deixa transparecer que se tratasse de uma retomada da comunicação entre os parentes e amigos. Ela diz:

Ramiro, vai este ‘TERRAS DE UAUÁ’ – lugar dos sertões da Bahia, pasto de lampião, e q tem um nome danado de bonito. Espero q o autor corresponda – é muita responsabilidade. O último capítulo – Cadastro – é o q chamam por aqui de humor-negro, isto é, uma espécie de desgraça engraçada – como se a miséria pudesse ser cômica. Está ficando difícil encontrar livro da temática sertaneja que ainda não tenha lhe enviado. Se os reteve, posso garantir q tem hoje o q existe de melhor da literatura sertaneja da caatinga. Zele por eles – para orgulho de sua estante. Uma coisa q há muito era para lhe perguntar, mas acabo esquecendo. Bonato me falava de um livro A filha do diretor do circo como do agrado do nosso povo por aí (?). Confere? Pergunto porque é um romance tipo “lacrimogêneo” q servia para as mocinhas daquele tempo suspirarem(?)... Vai um abraço do parente amigo²⁹.

As palavras de Oswaldo Lamartine, assumem efetivamente um lugar de autoridade ao dar garantia do valor literário da coleção que tem enviado para o amigo, no sertão do Seridó. Ao afirmar a qualidade dessa literatura, o escritor afirma também o seu valor enquanto intelectual e

²⁸ Teresa Malatian, “Cartas: Narrador, registro e arquivo”, *op. cit.*, p. 197.

²⁹ Oswaldo Lamartine de Faria [Terras de Uauá]. Grifos do autor.

bibliófilo, pois é a sua própria habilidade em “garimpar” e selecionar os melhores títulos da literatura sertaneja que possibilitam, através da dádiva que concede ao amigo, a constituição de um acervo cujo proprietário deve se orgulhar. Ainda, a incerteza sobre os cuidados que Ramiro M. Dantas possa estar tendo com os itens enviados também revelam o julgamento que Oswaldo Lamartine faz do amigo enquanto colecionador de livros.

Um último comentário que chama atenção nesta correspondência, é o que diz respeito ao romance *A filha do diretor do circo*, cuja intriga trata do amor entre duas pessoas de classes sociais distintas que enfrentam forte antagonismo para a aceitação de seu relacionamento. Oswaldo Lamartine parece curioso que este romance tenha despertado interesse nos sertanejos, talvez por contrariar a imagem correntemente mobilizada para representar o nordestino, um tipo regional elaborado nas primeiras décadas do século XX, a partir dos discursos de uma elite agrária e rural, reativa aos processos de modernização e implantação de uma sociedade urbana-industrial no país. Este tipo “será definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade”³⁰. Portanto, a leitura de um romance “lacrimogêneo” contraria este estereótipo.

A saudade torna a ocupar de forma explícita as intenções de Oswaldo Lamartine em [*Histórias de Trancoso*]:

Vai agora Histórias de Trancoso – desse misterioso Gonçalo (±1515 – 1596) que, em nossos sertões, passou a ser sinônimo de conversa mentirosa – mas foi encanto de nosso momento de esperar o sono. Mate com ele também a saudade dos seus dias de menino. Desse gênero literário gerou-se a diferenciação: História (com H) para os acontecidos e estória (sem H) para as de imaginação³¹.

Esta delimitação literária referente às “história” e “estória” as diferencia entre uma narrativa baseada no fato e outra baseada na ficção. Tópico de discussão que remonta ao longo processo de configuração do moderno conceito de História, e ganha especial atenção das filosofias da história, no século XIX, sendo recorrentemente retomada até os dias atuais. Desde a década de 1970 tem-se considerado de forma mais

³⁰ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *Nordestino: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940)*, 2.ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 208.

³¹ Oswaldo Lamartine de Faria [*Histórias de Trancoso*].

aceitável entre os historiadores uma dimensão ficcional na escrita da história. Esta perspectiva parte do entendimento de que, em História, a verdade é uma ambição, cuja a escrita consegue alcançar em diferentes níveis de objetividade.

Mais uma lacuna de dez meses na documentação, até o envio de *Trapiá*, livro de contos de Caio Porfírio Carneiro. “São histórias da terra calcinada, coronéis, velhos solitários, gente humilde do interior, meninos com a infância sofrida. Os personagens circulam pela caatinga, pelo roçado [...] A vida rural é retratada nesses contos com fidelidade”³². Nesta correspondência temos, provavelmente, um dos trechos mais importantes de toda esta documentação, um espaço biográfico especial, no qual Oswaldo Lamartine descreve brevemente sua relação com o sertão, nos seguintes termos:

Na verdade vivi poucos anos no sertão – mas os vivi intensamente convivendo e ouvindo meu pai, Pedro Ourives, Bonato, Chico Lins e Chico Zuza. Foi um curso intensivo depois aperfeiçoado com estágios e leituras. Muitos nasceram e se enterraram por aí sem atinar para as coisas desse mundo. E o pouco que sei, procurei anotar e divulgar³³.

Aí estão citados seus mestres de ofícios e memorialistas. Logicamente, essa fala revela o agradecimento que o escritor sente por aqueles que considera como seus mestres. Revela também a intenção de demonstrar uma postura humilde ao admitir “o pouco que sabe” sobre os sertões, mesmo que essa demonstração se contraponha aos “muitos que nasceram e se enterraram por aí sem atinar para as coisas desse mundo”. Assume ainda um conhecimento sobre os sertões construído através de diferentes saberes. Mas também parece indicar a necessidade de se situar como alguém vinculado ao sertão, como se este vínculo fosse necessário para justificar sua identificação com o mesmo, como se seu conhecimento sobre os sertões não bastassem por si, não pudessem ser reconhecidos sem este vínculo, que funcionaria como um intermédio entre o distante sertão e o escritor em sua biblioteca, em um apartamento no Rio de Janeiro/RJ, desde onde se debruça sobre seu objeto de pesquisa, rememora e alimenta suas saudades.

Seguindo a cronologia das correspondências, [*Tempo de vingança*] pede confirmação sobre o recebimento de um periódico enviado

³² Cyro de Matos. *Trapiá, de Caio Porfírio Carneiro*. Disponível em: <https://www.passeiweb.com/estudos/livros/trapia>. Acessado em 01 de abr. 2020.

³³ Oswaldo Lamartine de Faria [Trapiá].

anteriormente – indício de lacuna na documentação –, insiste em perguntar sobre a cultura de vazante, o que pode indicar que de fato houve extravio ou que o amigo tenha sido relapso com a resposta. A mensagem ainda parabeniza o parente pelo aniversário que se aproxima.

Antes havia lhe endereçado [u]m Globo Rural com caçada de onça. Recebeu? Nele perguntava detalhes dessa vazante na lama do açude (?). É no próprio local com a lama ainda úmida? Tb em leirões? Rende mais q a outra? Fica o abraço pelo aniversário e que possa ainda amansar uma rede a sombra da “minha” algarobeira – por muitos invernos³⁴.

Mais uma vez a correspondência demonstra a interação da curiosidade aguçada do pesquisador com o saber prático do sertanejo que vive no campo. Não que a cultura de vazante fosse desconhecida por Oswaldo Lamartine – em seus ensaios ela é recorrentemente citada. Mas o fato de insistir no detalhamento do modo de fazer desta cultura específica demonstra o interesse em atualizar-se e reforça as qualidades da pesquisa que se baseia em saberes bibliográficos e práticos.

Escrito por Virginius da Gama e Melo, *Tempo de Vingança* é um romance histórico, entenda-se, a trama de ficção desenrola-se em torno de um episódio da história política do país: o assassinato de João Pessoa – evento tido como estopim para o levante militar de 1930 que depôs o então presidente da República, Washington Luís, e governadores estaduais, dentre eles, o então governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, pai de Oswaldo Lamartine. Mas este não escreve uma única palavra acerca do romance ou do fato histórico.

Em dezembro de 1993, os votos de felicidade ao ano que iniciaria em breve. A mensagem em [*Robinson Crusóé*] é brevíssima: “Ramiro – Com os votos de um 94 de bom inverno”³⁵. Escrito por Daniel Defoe, o universalmente conhecido romance conta a história de um naufrago que passa mais de duas décadas vivendo isolado em uma ilha remota, antes de ser resgatado. Apesar do enredo não guardar relação direta com os sertões, em razão do ambiente em que se dá a trama, o protagonista, munido de poucos recursos, tem que desenvolver ele próprio os instrumentos e acessórios que precisará para sobreviver na ilha. É esta temática do rústico e artesanal processo de sedentarização que aproxima *Robinson Crusóé* do universo sertanejo de Oswaldo Lamartine.

A próxima correspondência data de 13 de junho de 1994, portanto, uma distância de seis meses em relação a anterior. [*Terra pernambucana*]

³⁴ Oswaldo Lamartine de Faria [*Tempo de vingança*].

³⁵ Oswaldo Lamartine de Faria [*Robinson Crusóé*].

traz uma palavra de conforto ao amigo, e um *post script* com uma questão sobre ferro de marcar gado.

Velho Ramiro

Ao seu lado nesses dias de enlutamento. É o nosso amargo e travoso destino de ponta-de-rama. Sofrer saudades e desenterrar lembranças para dizer aos mais novos – era assim...

Um abraço do velho parente

Oswaldo

13.VI. 94

P.S. Encontrei numa velha carta de Silvino um desenho deste ferro como tendo sido do meu avô Clementino, na Fz.

Carnaúba. Confere? [Em caneta azul, o desenho do ferro de marcar]³⁶.

Nesta breve mensagem de solidariedade ao luto do amigo, Oswaldo Lamartine reflete sobre o que considera ser o destino: o destino é amargo, mas funcional. É preciso desenterrar as lembranças – mesmo que lhes tragam sofrimentos em forma de saudades –, pois elas cumprem com o objetivo de repassar às novas gerações como eram as coisas, cumpre, portanto, uma função pedagógica. Em outras palavras, o escritor revela um certo dever de memória como princípio fundamental da existência, é a face da memória como mestra da vida. O *post script* é mais uma consulta remetida aos esforços da memória e conhecimentos do parente. A temática da heráldica dos ferros de marcar gado é um interesse antigo de Oswaldo Lamartine, foi objeto de seu livro *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (1984). O apreço que o escritor guarda pela heráldica revela-se ainda em sua assinatura, que traz o desenho de seu próprio ferro de marcar como “letra” inicial, demarcando sua pertença à uma tradicional linhagem de fazendeiros.

Quanto à *Terra pernambucana*, que dá suporte à correspondência, foi escrito por Mario Sette. O título serviu por algum tempo como manual de ensino de história nas escolas do estado de Pernambuco, e apresenta aquelas características de uma escrita da história marcada por feitos heroicos e seus protagonistas, as primeiras construções (engenhos, igrejas), e tipos regionais que alimentam o sentimento de nativismo. Mario Sette também escreveu narrativas de ficção, e suas novelas, como

³⁶ Oswaldo Lamartine de Faria [Terra pernambucana].

Senhora de Engenho, serviram como “ponto de partida para Freyre pensar na elaboração de um romance regionalista e tradicionalista”³⁷.

No mês seguinte, Oswaldo Lamartine lamenta o silêncio de Ramiro M. Dantas. [*Doidinho*] é uma correspondência-livro remetida com a função de insistir na retomada da comunicação entre os dois amigos: “Ramiro, sem notícias suas (?). Ainda o ‘meu’ pé de algaroba é frequentado pelos galos-de-campina?”.³⁸ A comunicação por missivas traz implícito um desejo de resposta, mas também “comporta silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e das afeições. As reações provocadas por oscilações no fluxo de cartas são bem visíveis nas linhas irritadas, decepcionadas ou angustiadas dos correspondentes”.³⁹ As últimas correspondências dão indícios da oscilação na comunicação entre os nossos personagens, e a ansiedade provocada pelo silêncio, perceptível no maior esforço que o remetente lança mão para manter seu destinatário envolvido. Também é possível perceber que as cartas são mais breves, e que o sertanista já não explora a literatura enviada ao parente e amigo.

O romance trata de uma personagem internada em um colégio severo, regido pela palmatória, e que sonha em voltar para o engenho de seu avô, onde cresceu. *Doidinho*, apelido do protagonista, fala da saudade do lugar onde viveu as alegrias dos seus dias de menino, o engenho do avô é o seu espaço de saudades. Escrito por José Lins do Rêgo, escritor consagrado dentre aqueles que compõem a geração conhecida pelo “romance de trinta”, o autor é tido como um dos responsáveis por colocar o nome de Oswaldo Lamartine em evidência no ambiente letrado, tecendo elogios sobre o mesmo em sua coluna no periódico carioca, *O Jornal*, quando Oswaldo Lamartine apenas iniciava sua carreira de escritor – naquele momento, colaborando com o periódico *Diário de Pernambuco*.

Assim, não é difícil imaginar as afinidades que Oswaldo Lamartine de Faria sentia ao ler José Lins do Rego. Apesar de um se dedicar ao sertão e outro ao litoral, ambos guardam o regionalismo e o saudosismo como características em comum.

A última correspondência de nosso conjunto documental está datada de 8 de julho de 1994. Ela diz o seguinte:

Ramiro – Este responde a sua carta anterior dizendo do inverno, do verde, das safras e da fartura – e a de 4/VII, comentando e louvando Meu pequeno mundo (Luiz Jardim). Estou me levantando de uma gripe cavalgar que me deixou

³⁷ Durval Muniz de Albuquerque Jr. *A invenção do Nordeste*, op. cit., p. 86.

³⁸ Oswaldo Lamartine de Faria [*Doidinho*].

³⁹ Teresa Malatian, “Cartas: Narrador, registro e arquivo”, op. cit., 198.

molenga. Parece que escapo... Vai este. Não li, não sei nada dele dizer. Aproveite esse sertão de inverno pois não sabemos se veremos outro. E o meu pé de algaroba? Sim, os estribos de silhão eram, comumente, menores? Um abraço, Oswaldo. 8/VII/94⁴⁰.

Sobre o livro que envia, apenas assume que nada sabe. As novelas que compõe a edição são da autoria de Adonias Filho, jornalista baiano, radicado no Rio de Janeiro/RJ desde os vinte anos de idade, “buscou inspiração para as suas obras de ficção na zona cacauzeira próxima a Ilhéus, interior da Bahia, local onde nasceu e passou sua infância”. *Léguas da promessa* é uma novela regionalista que retrata o sertão baiano como uma terra sem lei, habitada pela violência.

No mais, Lamartine comemora o sertão de fartura, o tempo de bom inverno, desejando que, na incerteza dos dias vindouros, o sertanejo pudesse aproveitá-lo como se fosse o último; Ihe lança ainda mais uma questão sobre os estribos da sela de silhão – objeto já abordado pelo sertanista em seu livro *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó* (1969)⁴¹.

Não sabemos como foram os invernos seguintes de Ramiro da Saudade, tampouco sabemos do fluxo da troca de correspondência entre o sertanejo e o sertanista a partir daí. No ano de 1996, aos 77 anos de idade, Oswaldo Lamartine de Faria voltaria a viver no Rio Grande do Norte, mais próximo do sertão do Seridó, porém, ainda fora dele, na Fazenda Acauã, situada na região Agreste do estado, entre o sertão e o litoral. Seu parente e amigo, Ramiro Monteiro Dantas, faleceu pouco depois, em 7 de fevereiro de 1997, aos 84 anos de idade.

UMA AUTOBIOGRAFIA NÃO-AUTORIZADA

Ao escrever sobre os sertões, Oswaldo Lamartine de Faria também escrevia sobre si mesmo, por mais que tivesse dificuldades em admiti-lo. Ainda que seja possível identificar em seus relatos uma dimensão autobiográfica, sua justificativa é a de que não fora este seu propósito. Logo, esta seria uma classificação desautorizada.

⁴⁰ Oswaldo Lamartine de Faria [*Léguas da promessa*]. Grifo do autor.

⁴¹ “Silhão – sela de mulher de um só estribo. A dama cavalga de lado, com uma perna estribada e a outra curva, apoiada em um suporte existente logo abaixo da lua da sela”. Oswaldo Lamartine de Faria, *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2016, p. 15.

Através da documentação explorada anteriormente, buscamos nas entrelinhas manuscritas, encontrar Oswaldo Lamartine em um exercício que reflete a si próprio, mesmo quando diretamente voltado para outros assuntos. O que obtemos é a imagem de um homem movido pela saudade, costurando encontros e desencontros entre suas vivências e leituras, tecendo os sertões com os fios da memória e da imaginação. Nesse sentido, as mensagens e a literatura enviadas por Oswaldo Lamartine moldam os sertões como espaços da saudade.

Muitos dos livros enviados para o amigo no sertão do Seridó foram escritos por pessoas que viveram sua infância e juventude em algum sertão no Brasil à fora e depois mudaram-se para outras localidades – principalmente para o Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP, ou para as capitais dos respectivos estados onde nasceram – quando, na maturidade, escreveram suas memórias ou ficções inspiradas em histórias e memórias dos sertões. Nesta literatura o sertão é uma espécie de regresso ao “quintal perdido da infância”⁴², como diria o próprio Oswaldo Lamartine.

Essa literatura forma uma coleção de diferentes regionalismos (baiano, cearense, goiano, mineiro, paraibano, paulista, pernambucano, piauiense, potiguar), revelando a amplitude do conhecimento bibliográfico de Oswaldo Lamartine, reafirmando a imagem publicamente construída como intelectual sertanista. São livros de ficção e não-ficção nos mais diversos gêneros literários (contos, crônicas, historiografia, memórias, poesia, relatos de viagens, romances, teatro) que abordam diretamente os sertões, ou indiretamente, apontando para temáticas relacionadas às dicotomias que orbitam a polissemia sertaneja, como atavismo e evolução, atraso e progresso, barbárie e civilização, o campo e a cidade, o rústico e o moderno, o sertão e litoral.

Através da correspondência, Oswaldo Lamartine insinua-se sutilmente sobre o lugar de sujeito do saber, apresentando os livros, apontando “o que há de melhor” e fazendo as explicações que julga necessárias, mas também lançando perguntas ao seu correspondente, evidenciando tanto a curiosidade aguçada de pesquisador interessado em conhecer detalhes sobre os modos de fazer no sertão seridoense, quanto um conhecimento que se constrói através da trocas de saberes. A comunicação entre compadres é assumida com afeto e comprometimento que se revelam no volume da correspondência, na solidariedade e nos votos ofertados. Escreve de forma confortável aos (olhos e) ouvidos sertanejos, como quem proseia lado a lado, “amansando redes” num alpendre. Em certo sentido (interesses, saberes mobilizados, elementos

⁴² Idem, p. 13.

linguísticos), suas correspondências são muito parecidas com seus ensaios – é o estilo oswaldiano!

A admiração recíproca que demonstra por escritores que lhes dedicaram elogios, revela uma valorização de si mesmo, tal como se dá quando elogia a biblioteca que Ramiro M. Dantas está formando ao colecionar os livros que lhe envia. Trata-se pois da harmonização com seus próprios “pares”. Mas isto não o impede de tecer comentários críticos à literatura que compartilha. E assim como em seus ensaios, suas correspondências também expõem seu caráter antimoderno e o desconforto com o que compreende por “sifilização”, e a feminização de uma sociedade que entende formada por machos exacerbados, como aquelas personagens varonis tão recorrentemente representadas na literatura sertaneja.

A correspondência também nos aponta para aspectos políticos, quando o sertanista faz uso de sua imagem como “capital político” para intervenções no espaço público. Contudo, o evento político mais evidente a influir direta e significativamente na vida de Oswaldo Lamartine é o levante militar de 1930, episódio também “contemplado” em sua remessa literária. Apesar de que sobre o tema ou sobre o próprio livro, não dedicou uma única palavra. Interdito?

O levante de trinta dará sustentação à imagem que se constrói de Oswaldo Lamartine como um “exilado”. A distância reforçou seu interesse e dedicação aos sertões, em especial aos sertões do Seridó. Passou a colecionar sertões bibliográficos e objetificados em seu apartamento no Rio de Janeiro/RJ. A partir das estantes de sebos, livrarias e arquivos públicos e privados, passou a ler, pesquisar e escrever sertões. Oswaldo Lamartine de Faria descobriu uma literatura comum à escritoras e escritores desterritorializados dos mais diversos sertões brasileiros, saudosos daqueles espaços que se dedicavam a (re)construir à distância, fertilizando-os com o adubo da saudade. Comum a muitos dentre eles, o olhar do exilado, do sujeito que, sentindo perder suas referências espaciais e temporais, agarra-se aos fios da memória e da imaginação, (re)construindo seus sertões à distância. O próprio Oswaldo Lamartine de Faria não deve ser visto de modo diferente.

Aquele “Oswaldo, parente e amigo” não se confronta com “Oswaldo Lamartine, o doutor do sertão”, ao contrário, reafirma a imagem e estilo publicamente construídos. É possível identificar os mesmos vocabulário, valores conservadores e antimodernos, e interesse sobre os sertões, em ambos os espaços de escrita onde se expõe. O que nos permite pensar o contato com o sertanejo também como uma estratégia de atuação

intelectual. Além de parente e amigo, Ramiro Monteiro Dantas é ainda uma fonte de informação.

Referências

- CAMPOS, Natércia (org.). *Em alpendres d'Acauã: Conversa com Osvaldo Lamartine de Faria*, Fortaleza/ Natal: Imprensa Universitária-UFC/ Fundação José Augusto, 2001.
- FARIA, Osvaldo Lamartine de. *Uns fesceninos*, 2.ed., Recife: Bagaço, 2008.
- FARIA, Osvaldo Lamartine de. *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2016.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, 5.ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920 – 1940)*, 2.ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 195-221.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Sensibilidades: escrita e leitura da alma". In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 9-21.

Recebido em: 14/08/2022.

Aceito em: 29/11/2022.